

Nota do organizador: Reproduzido do livro de Fernando Mendonça e Cristiane Tavares, *Conversas com Arraes*. Entrevista com Arraes, quando estava na Argélia, p. 11.

O MCP, AS LIGAS CAMPONESAS, EPISÓDIOS, A SUDENE

Que diretrizes nortearam o movimento de cultura popular (MCP)?

Existia um convênio da Prefeitura Municipal com o governo do Estado, tratando de problemas escolares. Mas a carência de recursos era muito grande. Criamos, então, um departamento autônomo, uma entidade paralela à Prefeitura, para resolver o problema educacional. Nesse momento nascia o Movimento de Cultura Popular, o MCP, como até hoje é conhecido. A situação era a seguinte: se fosse mantida a estrutura burocrática em vigor para essa questão, era impossível encontrar soluções, devido à insuficiência de meios. Então, era importante movimentar a máquina burocrática municipal, mas também mobilizar a população interessada em melhorar a educação, o que se verificou com a participação direta de variados setores da comunidade, até mesmo na execução de obras. Houve dificuldades financeiras. Verbas destinadas ao pagamento de professores, por exemplo, foram obtidas, mediante contribuições dadas ao MCP por empresas comerciais e industriais, além de pessoas das mais variadas origens, dispostas a colaborar para manter as escolas que iam sendo criadas e colocadas em funcionamento. Ao mesmo tempo, entidades religiosas e associações esportivas populares e outras cediam as suas sedes, que eram usadas durante o dia para o ensino às crianças do Recife, cujas famílias, na sua esmagadora maioria, não tinham condições materiais de mantê-las em estabelecimentos escolares pagos. Era uma inovação, mas não considero que fosse algo de extraordinário. Efetivamente, determinou uma mudança de conceituação política, da própria linha política, que se originou dessa experiência concreta, e não de elucubrações. Ressalto, dessa maneira, dois aspectos: em primeiro lugar, transcendeu os limites da burocracia, em segundo lugar, era preciso não ficarmos restritos a um só partido, a uma força, a um setor da população, mas integrar todas as pessoas, quaisquer que fossem as suas tendências, espíritas, protestantes, maçons,

umbandistas, desde que tivessem por denominador comum os problemas reais e concretos da população.